



REPRODUÇÃO DO CUIDADO NO MUNDO ACADÊMICO: NARRATIVAS DE PESQUISADORAS PQ 1A E 1B DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA

Matheus Balduino Salkovski Junges¹, Fernanda Sena Fernandes², Everton Lazzaretti
Picolotto³

¹ Universidade Federal de Santa Maria, matheus.bsj@gmail.com

² Universidade Federal de Santa Maria, nandasefernandes@gmail.com

³ Universidade Federal de Santa Maria, everton.picolotto@ufsm.br

Propósito

Este trabalho é parte de um projeto de pesquisa sobre as novas dinâmicas do ensino superior brasileiro, que tem como objetivo mapear as mudanças que vêm ocorrendo na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). O recorte aqui proposto busca compreender as relações de gênero entre os pesquisadores de elite da UFSM, nível 1A e 1B, a partir de dados coletados na plataforma Sucupira, Acácia, no site do CNPq e através de entrevistas com as pesquisadoras destes níveis. O objetivo consiste em analisar a trajetória destas pesquisadoras em um universo na qual todas são mães e em que, ainda sim, possuem produtividade acima da média de seus colegas homens.

Revisão da literatura

A ciência não é um campo destoante da sociedade de forma geral, tanto seus objetos quanto suas disputas de poder são ecos de uma estrutura social, geralmente pautada pelos interesses do Estado (BOURDIEU, 2014). Assim, as dinâmicas de gênero, já tão denunciadas por pensadoras feministas, não são diferentes neste espaço: mesmo que as mulheres sejam 51% das pessoas com doutorado no Brasil, segundo dados de pesquisa do Instituto Serrapilheira de 2020, apenas 25% delas ocupam cargos de professores permanentes.

Entretanto, mesmo alcançando o patamar de professora permanente, elas não estão isentas de obstáculos impostos pelo sistema patriarcal (SAFFIOTI, 2013). A conquista feminina pelo direito ao trabalho remunerado reconhecido formalmente não foi apenas pela

luta das feministas no início do século XX; veio, sobretudo, da necessidade crescente, diante de um país em pleno desenvolvimento industrial, de mão de obra para atender as demandas das transformações econômicas e sociais que ocorriam (Ibidem). É fundamental, todavia, apontar que este trabalho remunerado e formal, mostrava-se como uma extensão dos trabalhos de cuidado: elas ocupavam cargos de secretárias, professoras pré-escolares, enfermeiras, etc (BESSE, 1999). A ocupação de cargos considerados “masculinos” foi conquistada a duras penas, mas ainda hoje em determinadas áreas elas são minoria (CUNHA et. al. 2021).

Mesmo ocupando estes locais tão masculinizados, o que se percebe são mulheres que se arrumam com esmero, com um amor latente pela ciência e sobretudo um olhar de cuidado para com seu trabalho e seus orientandos; há, inclusive, declarações de que alcançar o nível mais alto na hierarquia das bolsas de produção jamais seria possível sem o trabalho coletivo com alunos de graduação e pós. Esta lógica repercute uma reprodução do cuidado e borra as barreiras da divisão sexual do trabalho, onde mulheres são destinadas prioritariamente aos trabalhos de cuidado e os homens aos trabalhos produtivos (KERGOAT, 2003).

Procedimentos metodológicos

A metodologia utilizada nesta pesquisa consiste em métodos mistos, com utilização de técnicas quantitativas de levantamento de dados e estatística descritiva e de técnicas qualitativas com uso de entrevistas semiestruturadas. Foram entrevistadas todas as pesquisadoras nível 1A e 1B da UFSM (7 no total), tendo como foco suas trajetórias acadêmicas, ascensão à elite de pesquisadores da Instituição e a conciliação de maternidade e carreira. Também foram utilizados dados coletados na plataforma Sucupira e através do site do CNPq, além do uso da plataforma Acácia, que desenha genealogias acadêmicas com coleta de dados no currículo Lattes. As análises se deram a partir de estatística descritiva e cálculos correlacionais.

Resultados

No contexto da UFSM, existem cerca de 200 bolsistas de produtividade CNPq no ano de 2024, onde 32,9% são mulheres. Ainda, este percentual tende a diminuir quanto mais elevado o nível da bolsa: entre PQ 1B elas correspondem a 33,3% de mulheres e no nível mais alto, 1A, elas ocupam apenas 25% das bolsas concedidas à instituição. Importante destacar que todas as

pesquisadoras, sujeitos dessa análise, estão alocadas na Grande Área de Ciências da Vida, divididas nas subáreas: Bioquímica, Medicina Veterinária, Ciência e Tecnologia de Alimentos e Zoologia, campos do conhecimento atrelados a alcunha de “ciências duras”, marcados por um alto capital científico (BOURDIEU, 2019). A título de comparação, as ciências da vida possuem o segundo maior número de PPGs no Brasil, contando atualmente com 1241 programas. Em primeiro lugar, encontram-se os cursos de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, com 1250 programas espalhados pelo Brasil. Entretanto, em números totais de distribuição de bolsas de produtividade CNPq, as Ciências da Vida possuem 6278 bolsistas de produtividade em face aos 4033 das humanidades. Ainda sim, mesmo com a maior probabilidade de alcançar as bolsas de produtividade, as mulheres ainda são minoria nos mais altos níveis.

Outro dado que chama a atenção diz respeito à proporcionalidade de orientações entre professores e professoras do mesmo nível, com elas orientando até 12% a mais e em períodos de tempo menores. Essa proporção de orientações, demonstra que elas trabalham mais, para ter o mesmo reconhecimento que eles adquirem de maneira mais fácil; uma das entrevistadas, primeira bolsista PQ 1A da Instituição, há cerca de uma década, recebeu este ano o reconhecimento de sua entidade científica, enquanto um colega que atingiu o nível máximo no mesmo ano, recebeu reconhecimento um ano após sua ascensão. Ademais, o principal dado encontrado na pesquisa consiste no impacto da maternidade narrado pelas entrevistadas. Ao contrário da hipótese inicial, baseada em dados da pesquisa do Parent in Science, nenhuma das pesquisadoras apontou que a maternidade teve impacto significativo em sua produção científica; apenas uma delas relatou impactos negativos da maternidade, mas não diretamente na carreira acadêmica.

De forma geral, todas dizem que a maternidade teve impacto positivo em seu fazer científico, tornando-as mais “empáticas”, “acolhedoras”, “com maior capacidade de gerenciar diversas tarefas”, “mais motivadas a fazer ainda melhor”. Os dados, à revelia da percepção das entrevistadas, demonstram que na verdade existe uma reprodução sistemática dos trabalhos de cuidado dentro de seus ambientes de trabalho, onde tratam, como nos narra uma delas, seus orientandos de forma firme, porém sempre tendo em vista o bem-estar dos mesmos. São, como elas mesmas denominam, “mães acadêmicas”, denotando uma transposição da maternidade

para o ambiente de trabalho, onde o trabalho produtivo e reprodutivo se confunde, borrando as fronteiras de uma antes tão bem demarcada divisão sexual do trabalho.

Conclui-se, desta forma, que ainda que não apontem implicações negativas da maternidade na carreira científica, são afetadas por essa, de forma muitas vezes inconsciente, levando ao âmbito acadêmico questões de gênero latentes, traduzidas pela fala de uma das entrevistadas que diz que os alunos têm preferência pelas orientadoras por serem mais “compreensivas e acolhedoras”.

Implicações da pesquisa

Espera-se que esta pesquisa contribua para compreendermos como as dinâmicas de gênero podem se interpor de formas complexas, nem sempre tão visíveis, mas geralmente inseridas em uma rede de comportamentos sociais que reproduzem determinadas violências simbólicas, que, aos olhos dos agentes sociais, nem sempre são facilmente perceptíveis. A pesquisa contará com mais uma fase, com entrevistas com os professores pesquisadores de produtividade PQ 1A e 1B, a fim de identificar semelhanças e diferenças em suas práticas.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. Homo Academicus. Florianópolis: Editora da UFSC, 2019.
- BOURDIEU, Pierre. Sobre o Estado: Cursos no College de France (1989 - 92). São Paulo: Companhia das Letras, 2014
- SAFFIOTI, Heleieth. A mulher na Sociedade de Classes. São Paulo: Expressão Popular, 2013
- BESSE, Susan K. Modernizando a desigualdade: Reestruturação da ideologia de gênero no Brasil, 1914 - 1940. São paulo: Editora USP, 1999
- CUNHA, Rocelly; DIMENSTEIN, Magda; DANTAS, Candida. Desigualdades de gênero por área de conhecimento na ciência brasileira: panorama das bolsistas PQ/CNPq. Saúde em Debate, v. 45, p. 83-97, 2021.
- KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. Trabalho e cidadania ativa para as mulheres: desafios para as Políticas Públicas. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, p. 55-63, 2003.